

A SEDUÇÃO DA DESTRUIÇÃO

Ronaldo Lima Lins

Em La Rochelle fiz uma descoberta que iria guardar para o resto da vida: as relações profundas entre os homens são criadas pela violência...

SARTRE, Jean-Paul. *Materiais autobiográficos*¹

Logo depois da II Guerra, quando Sartre se envolveu na política, buscando, com outros intelectuais, uma terceira via (nem a estalinista, nem a do gaullismo/capitalismo), a preocupação predominante girava em torno da possibilidade de um novo conflito em escala mundial. Quem experimentara as agruras do passado recente sabia o que significava a palavra destruição. É um clima interessante a analisar, na medida em que, por outro lado, dominava a Europa o impulso de reconstruir, de criar novas condições de existência, o que se traduz na França da pós-ocupação, entre outras coisas, pela eferescência cultural. Já há algum tempo Sartre atribuía uma responsabilidade adicional de compromisso da atividade literária com a realidade. O esforço pressupunha o projeto de uma “revolução democrática”, algo que garantisse a liberdade de expressão e defendesse a sociedade contra a opressão. Tratava-se de uma coligação ampla de forças, como se fosse possível reunir numa única agremiação todos os descontentes com o quadro partidário em vigor. Era o que Aron denominava de “revolução romântica”, antecipadamente prevendo o fracasso da empreitada. Realmente, estava-se diante de uma iniciativa utópica, caso se levasse em conta a estrutura conhecida de organização política. Sartre não demorará a reconhecer o fato, mais ou menos um ano depois, e se retirará do movimento. Afastou-se do calor das discussões e se reservou

o direito de pensar sem ter de se adequar a conveniências de nenhum tipo.

Uma “revolução democrática” implicava na liberdade do debate em direção ao consenso; portanto, na defesa de uma causa antagônica, sobretudo, a hipóteses de violência. Camus aderiu por certo tempo. Tinha o seu perfil. Os adversários do projeto diagnosticavam o seu impasse pelo caráter de idealismo nele contido. Ninguém jamais logrou ficar acima dos interesses econômicos ou de poder e se incluir, sem problemas, nas campanhas eleitorais. Nas divergências estavam grupos que aceitavam empréstimos nos Estados Unidos para a programação de iniciativas e aqueles segundo os quais pressões deste tipo forçariam compromissos e, num segundo momento, poderiam ser usadas para atingir a União Soviética, prejudicando, portanto, a independência de propósitos.

O lema ‘liberdade e socialismo’ ou ‘liberdade e democracia’ comportava um tipo de sedução, o da paz. Os conflitos armados haviam se instalado na psicologia das pessoas a ponto de esgotar a paciência. Surgiam como uma condenação. Cumpria atravessar a tendência com opções alternativas, ganhar fôlego e reverter a ótica da dominação como ela sempre se manifestara. De fato, embora não se possa usar a expressão “conflito mundial”, o período pós-1945 mostrou-se pontilhado de braços armados e combates localizados, com repercussões no restante do planeta, como as lutas de libertação nacional nas nações do norte da África, a Guerra da Coreia e os movimentos revolucionários na Indochina, sem mencionar as iniciativas de emancipação das ex-colônias européias nos continentes conhecidos.

Em todos os casos, a construção da liberdade passava pelo princípio da destruição dos laços coloniais e das antigas estruturas de dominação. Somando-se ao cansaço da guerra com tantas vítimas militares e civis, a noção de armistício realmente desarmara os espíritos ou os preparara para um desenvolvimento social sem conflitos. É como se a humanidade houvesse entrado num corredor desde o século XVIII e não conseguisse sair dele, sendo semelhante corredor decorado com as bandeiras de uma tormenta de emoções e de teses em confrontos acirrados. A ninguém se dava o direito à imobilidade, já que as ações mais do que as

reflexões convocavam para a batalha. Aos dramas morais do período da ocupação, sucediam configurações que exigiam resposta.

Talvez, ao mesmo tempo, certas reflexões girassem em torno da vontade de sondar a alma humana e de lhe desvendar segredos, como sempre acontecera. Mas isso implica um nível de tranqüilidade quase sem espaço no redemoinho de acontecimentos.

Um leitor que examinasse a literatura da época e se sentisse inclinado a entender o personagem Mathieu como representação biográfica de Sartre, não o reconheceria logo em seguida, nas décadas de 50 e 60, vendo-o envolver-se em todas as grandes causas do seu tempo. O próprio Mathieu, de *A idade da razão*, fora sugado de sua passividade e conduzido a pegar em armas, como se houvesse esquecido de quaisquer de suas hesitações. Os problemas que o imobilizavam não se mostravam irrelevantes. Afinal, nenhuma digressão sobre os limites e as possibilidades da liberdade individual peca pela falta de interesse. O que se passou tem a ver com uma espécie de transformação de valores, uma reacomodação de questões, de tal modo que os assuntos de ordem geral adquiriram dimensão de grandeza de prioridades pessoais. Entre casar e não casar e entre defender-se contra as violências da guerra e da ocupação, o que se devia escolher para empenhar-se? Este dilema tinha de ocupar as atenções com uma inclinação do prato da balança para a segunda das alternativas.

Num planeta que gira em torno do sol e de seu próprio eixo a imobilidade se revela impossível. A literatura não conseguirá desvençar-se, muito menos se isolar das divergências. Mesmo Beckett, em cujas peças se fica com a impressão de uma inércia chegando ao absoluto, já que todas as procuras e esperas terminam em coisa nenhuma, não logra esconder a aflição motivada pelos esforços, inclusive o mais radical e difícil da imobilidade. Há algo nelas de terrível, mais até do que nas narrativas contemporâneas nas quais, pela intensidade, a ação distrai como via de escape, para uma fuga dos temas últimos das inquietações humanas.

A sedução pela destruição, na modernidade, se situa, assim, na raiz de ingredientes morais entre agir e não agir. Em geral, e desde sempre, quem age convoca os outros à quietude. Sabe, consciente ou incons-

cientemente, que o mundo se domina e se transforma pelo suor associado aos instrumentos, às ferramentas de trabalho, como lembra Hegel. Deixa por isso a passividade para os demais, aqueles que ficam assim por incapacidade e graças às suas atitudes, submetidos ao encantamento do poder e da tentação de afirmação de vontades alheias. É uma noção comum a de que o sistema capitalista chama todos ao trabalho, ninguém devendo ficar de fora. Todos são, de fato, estimulados a dar a sua contribuição ao progresso e ao desenvolvimento do capital. Dentro disso, há os que se destacam nas posições de comando e outros que obedecem como comandados. As oportunidades não são iguais. Não se divide a autoridade, ainda que se prevejam dispositivos de trânsito de poder, através da representação por voto. O dinheiro constitui o alicerce que segura o edifício, em relação ao qual todas as vigas existem para ampará-lo e colocá-lo onde está.

Já se viu que estamos diante de uma dialética morte-vida, construção-destruição, de natureza peculiar, porque contida na profundidade de um modo de ser particular e universal. Este é o labirinto do qual não estamos escapando. Nem sempre é possível dar conta do fato em função de características do curso da existência e seus desdobramentos que nos levam de um lado para outro. São forças poderosas, apesar das tentativas que realizamos para defender causas e assumir posições. Em alguns momentos, motivadas pela intensidade das esperanças gerais, como se a história se abrisse para perspectivas novas, a iniciativa de pensar também ensaja tentativas de romper com as obscuridades e lança luz sobre questões antigas como se fossem novas. Saímos assim de um estado de solidão e caímos numa confiança atravessada pela angústia e pela suspeita de que nos decepcionaremos. Contudo, um movimento incessante está na contrapartida da idéia de uma inevitabilidade do desgosto.

O segredo de semelhantes considerações desperta para a possibilidade da decifração por meio de forças que ultrapassam a individualidade. É na literatura, em plena modernidade, que esses fatores se cruzaram melhor e com mais visibilidade desde que a expressão humana buscou nas artes uma linguagem privilegiada. Isso porque, do século XVIII em diante, verificou-se que cumpria realizar um balanço e se supôs que o mesmo nos conduziria a territórios novos. Tratava-se de um efeito tar-

dio da descoberta da América, mas, sobretudo, de uma conseqüência dos avanços tecnológicos e da multiplicação de estradas que tornou o mundo menor e menos insondável. A consciência de que havia meios de alterar a ordem das coisas, para diminuir as dores da opressão social, trouxe mais dor ainda, pelo menos a julgar pela narrativa do século XIX, Flaubert e outros, para a qual a leveza e o bom humor dos autores do período anterior (Voltaire e Diderot) não se ofereciam como as lentes procuradas para observar os comportamentos. Não se fala em tragédia. Fala-se em drama da sociedade burguesa, como se não houvesse o desejo de elevá-lo, nem de reduzi-lo a uma comédia de costumes. Não se enfatizam, por outro lado, as qualidades de grandeza do ser humano; a maior parte da atenção se fixando, ao contrário, nas características comuns, no terreno das paixões e dos vícios, das dificuldades e das ansiedades, nada que assemelhe os personagens aos heróis de outro tempo. Não espanta que, no seu *O idiota da família*, Sartre se haja valido do exemplo de Flaubert (e da crise de epilepsia que o acometeu em certo instante da juventude) para estudar as convulsões da sociedade francesa no período que gira em torno de 1848. Aqui duas situações se aproximam, ambas dolorosas e significativas de algo que se passa nas entranhas de uma história comum naquele instante, vitimando um indivíduo e a sua comunidade nacional. Talvez o processo de aceleração no concurso das circunstâncias (como as pressões sobre o jovem escritor para que seguisse a carreira jurídica para a qual não se sentia talhado; e as lutas da burguesia para se consolidar, deslocando as outras correntes de seu lugar original), tenha se tornado cada vez mais severo e cada vez mais freqüente, até que se criassem as condições para a mudança de tom ocorrida na narrativa, se compararmos o século XVIII e o XIX. Como são analogias difíceis de trabalhar, estas entre a individualidade e a coletividade, poucos, além de Sartre, se atreveram a levá-las em conta. Trata-se de uma questão que se situa na raiz das indagações formuladas por Kierkegaard e que só apareceram no mesmo na medida em que existiam como elementos da época, ainda mais que o autor de *Ou...ou...* não se isolou dentro de tal espectro de reflexões. Unamuno também traduziu como angústia o que experimentara seu antecessor dinamarquês. Por isso se pode afirmar que Sartre não inventou o existencialismo. Este

o “inventou” como uma de suas principais lideranças e se instalou nos problemas do século XX, valendo-se dele, como de outros, para se mostrar importante. Salientemos que o período ganhava dimensões cada vez mais claras de sociedade de massa e sufocava as manifestações e reivindicações do indivíduo, daí o ‘sentimento trágico’ a que se refere Unamuno.

Diz ele:

Além de não haver uma noção normativa da saúde, ninguém provou que o homem tenha de ser naturalmente alegre. E mais: o homem, por ser homem, por ter consciência, já é, em relação ao burro ou a um caranguejo, um animal enfermo. A consciência é uma enfermidade.²

Em outro lugar, pondera:

Tudo o que em mim conspira para romper a unidade e a continuidade da minha vida, conspira para destruir-me e, portanto, para destruir-se. Todo indivíduo que, numa aldeia, conspira para romper com a unidade e a continuidade espirituais desta aldeia, tende a destruí-la e a destruir-se como parte desta aldeia.³

A articulação entre a unidade e o conjunto faz parte dos problemas teóricos que a modernidade assumiu enfrentar, mesmo que apenas no âmbito do pensamento. Unamuno reconhece em curso um processo de destruição que passa pelo indivíduo, conspira contra ele e atinge o conjunto da comunidade. Essas forças se tornarão exigentes e violentas, até que a produção teórica se ressinta e comecem a escassear os filósofos que se preocupam com elas. Não espanta a rapidez e a veemência com que, no caso de Sartre, a sociedade francesa, com a complacência dos intelectuais, lhe haja decretado a morte e o rápido esquecimento. Os sinais de destruição que nos acometem representam (pela falta de vontade que implicam, na medida em que, na modernidade, passam por um elo de convivência, de aceitação da regra geral) uma impossibilidade de garantir a tarefa da consciência. Ela indicaria, uma vez em ação, as formas de resistência que deveriam ser adotadas. Indicaria, ainda, por nos colocarmos em contracorrente contra a tendência da nossa natureza (que é de preservar e de ser

preservada) um afastamento profundo em relação ao que nos define e ao que gostaríamos que nos definisse.

Agir e pensar são características do ser humano. Em princípio, uma coisa não excluiria a outra. Contudo, depois do processo de industrialização e do avanço da tecnologia, o equilíbrio entre elas sofreu distorções. Se agir representa algo necessário para a existência em sociedade, quando se tem de encontrar definições continuamente, e se esta ação atrapalha o processo de reflexão, o mesmo se revela imperativo – ou deixamos de nos desenvolver, perdidos num emaranhado sem luz e sem saída. Tratando do assunto, Kant acentua a importância da contemplação em contraponto à ação (que reconhece como necessária), ou a consciência fica sem os instrumentos de que carece para exercitar-se. Tudo isto, além de configurar uma distorção e de criar embaraços para as nossas tendências inventivas, sonhando o aparecimento de opções novas, reduz o relacionamento do eu consigo mesmo. Como seqüela, afastamo-nos daquilo que até então julgávamos nos tipificar: a nossa forma de ser. Nada disso ocorre sem sintomas de neurose, sem analogias que oscilem entre o centro e a periferia do sistema, ali onde o indivíduo cai (ou já não se vê, na confusão de sons e de atrativos) desamparado e só.

Pertencer à natureza foi sempre para o homem uma constatação problemática. Era duro aceitar o que tínhamos de violência e de brutalidade, facilmente detectáveis no restante da paisagem do real. Daí brotou, talvez, a idéia de superioridade com que a humanidade, inventando a instância do divino, elevou-se, com ela, acima do restante da criação. Apesar disso, pensou-se que as coisas como eram, e aí se incluía a humanidade, associavam-se à perfeição. Ninguém, a não ser Deus, produziria organismos tão perfeitos como os que podíamos observar no reino animal e nos demais espaços do universo. Por mais que nos ocupássemos da ciência, o conhecimento se postava muito aquém dos mistérios que nos cercam e dos quais participamos.

O advento da indústria, valorizando os nossos esforços, na medida em que passou a tirar proveito do mercado, transformou os valores e fez, de cada um, um comprador, alguém que, numa engrenagem, compunha uma peça e a fazia mover-se. A adaptação à nova dinâmica

provocou as distorções de visão conhecidas e mencionadas. Não obstante entendamos a natureza ainda como instância inalcançável, o deslocamento que realizamos quanto a ela alterou os índices de sensibilidade com que antes lidávamos com os problemas. A tarefa da consciência tornou-se complexa, desafiadora, uma vez que teve de lidar com distorções graves, frente ao material de que dispõe para análise.

Pode-se exprimir exatamente assim o problema formal da arte moderna: quando e como os universos formais que surgiram independentemente de nós na mecânica, no cinema, na construção de máquinas, na física nova, e que viraram nossos mestres, vão nos revelar a parte de natureza que neles está contida? Quando a sociedade chegará a um ponto em que estas formas, ou aquelas que delas nascerão, nos aparecerão como formas da natureza?⁴

As engrenagens da mecânica, como as engrenagens da arte, possuem uma relação peculiar com a natureza. Nos movimentos, nos elementos que as integram, e até nas cores, muitas vezes, uma dialética não se mostra de imediato, escondendo-se sob a máscara de leis internas. São invenções que se desligam dos inventores e usam um idioma inventado. Assumem uma posição de independência e autonomia, às vezes clara, às vezes obscura, antes que declarem as razões de sua presença. Nas discussões internas que propõem, as artes se ocupam de tal maneira de certas preocupações que deixam de lado dilemas profundos. Ou ao contrário: no empenho de atingir a essência dos assuntos, transformam em traços periféricos aquilo de que, por seu turno, dependemos para respirar e viver. É como se, obcecado com o duelo contra a morte, o filósofo deixasse de comer.

Na verdade, tudo o que fazemos objetivamente nos significa. Se não é espelho, é sintomático de um conjunto de perfis que, de um modo ou de outro, nos identifica e informa. Mas a mecânica e os seus desdobramentos, chegando à automação, depois da eletrônica, na medida em que adquirem personalidade criam um cenário curioso, um mundo no qual circulamos sem notar que nos afastamos, sem querer, de nossos princípios. Num ambiente de máquinas, apesar dos comandos que ainda impõem a nossa participação, o sujeito da história desenha

no ar uma fisionomia que, afastados dali, já não reconhecemos. No confronto, é claro que nos distanciamos, sem notar, de comportamentos que por séculos diziam o que éramos, dentro de uma série de relações que nos compõem.

Mas, e a arte?

É interessante lembrar que, no início da industrialização, os braços articulados movendo-se, nas locomotivas, encantavam a tal ponto que certos artistas pareciam magnetizados, hipnotizados pela intensidade dos movimentos repetitivos. O indivíduo que havia estado por trás da engrenagem, estabelecendo projetos que depois nela se realizaram, tinha desaparecido quase por completo ou se ofuscara intencionalmente, na representação dos fatos, dentro da concepção do pintor, do fotógrafo, do cineasta, para dar lugar à paisagem da modernidade. Havia alegria, euforia, naqueles estágios de um fenômeno que, implantando-se, atingiu o ponto aonde nos encontramos. Isso explica o efeito de apagamento, de transferência de sujeito para objeto da marcha em que nos transformamos. Manipulando as máquinas, na verdade, as máquinas nos manipulavam, como criticou, com sábia lucidez, René Clair, em *A nous la liberté*, e Chaplin, em *Tempos modernos*. Benjamin salienta que a mecânica e a tecnologia só põem em evidência um momento da dialética, difícil de dizer qual: se a tese, a síntese ou a antítese. Em todo caso, acrescenta:

“(...) o outro momento está também presente: atingir objetivos estranhos à natureza igualmente com meios estranhos, hostis à natureza, com meios que se emancipam da natureza e a dominam”⁵.

A evolução das coisas gerou uma situação na qual, na dominação que passamos a exercer, terminou acontecendo um distanciamento do indivíduo em relação a si mesmo e ao que é. Diminuíram os laços que unem a matéria e o espírito, de tal modo que, por excesso de ocupação ou por inadvertência, a claridade que construímos ofusca. Tornou-se quase inacessível a avaliação sobre a qualidade do que realizamos, já que, por um lado, almejávamos, como direito, uma emancipação quanto à natureza, e mantínhamos, por outro, um sentimento de lealdade

traída sobre as nossas origens e limitações. Sempre houve uma vontade de libertação. Dela emanavam os devaneios que nos estimulavam à inventividade. A natureza parecia perigosa, sufocante, imponente demais, e capaz de arrasar de uma vez os nossos esforços, por maiores que fossem. Era algo que existia de fora e de dentro, na objetividade e na subjetividade, onde também se exerciam forças incompreensíveis e, muitas vezes, destruidoras. Apesar disso, restava-nos a ambigüidade, um misto de amor e de ódio voltado para o lugar de onde saímos, com seu encontro de doçura e brutalidade.

A mecânica, à qual se somou recentemente a sofisticação da eletrônica, pareceu acenar com o sereno sono da conciliação, quando, inconscientemente, colocávamo-nos à disposição de uma fantasia de paz nunca possível. Foi assim que a hipótese da automação seduziu. Trabalhou com tendências que existiam dentro de nós. É como se com ela não precisássemos fazer esforço, como se pudéssemos reverter a condenação bíblica e não mais ganhar o pão com o suor do rosto. No entanto, a consequência do distanciamento frente à natureza é uma reprodução do mesmo no confronto do indivíduo consigo mesmo. A violência à qual se submete, pelo desvirtuamento do que era, sem o entendimento correspondente do que passou a ser ou a correspondência entre a vontade e a paisagem, a violência que não é percebida de imediato, mas não deixa de existir, traduz-se em mais violência, numa reprodução da violência que ataca às cegas e por todos os lados. Se o indivíduo já não se reconhecia nos espelhos da natureza, julgando-se diferente e melhor do que eles, não se reconhece ainda, depois que, com seus meios, transformou o mundo num cenário de automações. Isto porque o igual vai deixando de ser igual, assumindo-se como um tipo de executor servil. É como se uma outra natureza houvesse tomado o lugar da primeira e aceitasse de bom grado, como retorno, pagar a quota de alienação.

A arte não se encaixa bem neste molde. Composta por materiais que se valem do espírito ou do que ainda nos sobra dele, compactua problemáticamente com um estado de coisas que a isola e lhe retira os personagens que antes (e sempre) lhe ofereceram os temas. Diante da impossibilidade de conservar um laço tradicional com a realidade, incorporou mudanças de forma que lhe viabilizassem a permanência

de suas funções dentro dos costumes, sem deixar de comentar, em paralelo, o desaparecimento crescente daquilo que sempre constituiu a sua fonte de inspiração. Não espanta que, em determinado instante, a abstração haja tomado conta da forma, como se a forma se bastasse a si mesma e se desligasse da razão que a originou. Também não espanta que a retórica da crítica mencionasse categorias como “mudança de atitude”, “reformulação da matéria” e “exigências da época”, como se esta houvesse dispensado os legados do passado. O projeto de soterrar os antepassados vinha com um ímpeto suspeito, um ímpeto que demorou a ser compreendido e talvez somente hoje comecemos a proceder em relação ao mesmo com um levantamento mais exato. Não há como saudar como humanização os fenômenos que então tomaram a arte de assalto; fala-se, ao contrário, em “desumanização”, nostalgia de um tempo em que o indivíduo se consagrava ao indivíduo, o semelhante festejava o semelhante e a natureza efetuava um esforço de correção de curso de modo a se fazer autêntica, frente aos desvios. Na melhor das hipóteses, tratava-se de uma expressão que elaborava filosoficamente os sinais da fragmentação evidentes depois do século XVIII. A velocidade dos acontecimentos, acoplada aos parâmetros da sociedade burguesa, sem diminuir o clamor pela liberdade, gerou o que se passou a denominar de “degradação dos costumes e dos valores”, apesar das frustrações que, em contrapartida, ampliavam o caldo de reclamações pelos princípios comprometidos dos ideais de liberdade, levando-se a persistir nos horizontes da política e da ideologia. Note-se a curva da destruição no percurso por uma mudança de qualidade: vindo de um foco econômico e social, comportou, numa segunda etapa, um foco cultural.

O desaparecimento do mundo antigo e de seus hábitos (o chamado antigo regime), com o ingresso da tecnologia no circuito, deu a impressão de que a humanidade saía de seu estágio infantil e progredia para a idade adulta. Numa perspectiva evolucionista, o confronto entre as duas épocas, ou estágios, adquiriu características tais que um viajante, caindo nos dias de hoje, não reconheceria os seus pares, como se houvesse desembarcado em outra galáxia. A falta de recursos, diante do que se tornou disponível e até corriqueiro, sugere uma infância que se debatia com problemas hoje relegados a um segundo ou a um terceiro plano.

Em compensação, a atividade febril que nos cerca, roubando-nos a ociosidade para a reflexão e um diálogo interior, reduz a consciência a uma situação de herança anacrônica. Servimo-nos pouco dela, para os desafios que se nos apresentam. Disso resultam comportamentos imaturos e inadequados para pesar os prós e contras de uma fase que exige, ao contrário, imenso trabalho de ponderação. Vemos adultos que agem como crianças, ocupados com aparelhinhos que o mercado, todos os dias, atira sob os nossos olhares arregalados. Tecnicamente, avançamos; emocionalmente, regredimos. Nos padrões de comportamento, em nada melhoramos. É possível que a tecnologia, prosseguindo, produza novas espécies de natureza, diversas e mesmo antagônicas às que conhecíamos. É certo, sabemos disso, que ela, a natureza, como qualquer um de nós, submete-se a alterações de fisionomia e de anatomia crescentes e irreversíveis. Sinais de alerta já se acenderam.

O aparelho para medir a temperatura dentro ou fora de casa, presente em muitas residências, sobretudo nos lugares frios, sugere uma preocupação que em si denota violência. As pessoas se agasalham ou retiram os agasalhos dependendo das oscilações do mercúrio, para cima ou para baixo. Nada disso se dá sem que uma separação cada vez mais rígida entre a interioridade e a exterioridade funcione como um obstáculo a transpor. Chegará um dia em que à simples idéia de sair para trabalhar ou para o lazer tenhamos que superar o medo. Usaremos então um aparelhinho de avaliação dos batimentos cardíacos e das emoções, como os pacientes de pressão alta verificam os batimentos do seu sistema circulatório. A rua passou a ser, além de lugar de exposição, fonte de perigo. O trabalho já o era, porque as máquinas exigem uma atenção, um estado de alerta que nem sempre o trabalhador consegue manter. Um instante de devaneio e se pode perder um braço, uma perna, a vida. Acresce o elemento do desconhecido, o fluxo que se dirige para certos lugares e que oferece risco. São confrontos que ferem ou matam. Todos conhecem a dúvida que assalta, quando se envereda por um bairro ou uma cidade estranha nos quais qualquer coisa é passível de ocorrer. O olhar se aguça, os sentidos despertam, aproximações predispõem à ofensiva ou à defensiva.

Ao voltar, suspiramos, como se houvéssemos escapado de um naufrágio, quando apenas saíramos num passeio. Dito assim fica a idéia

de uma situação unívoca, de uma tendência que se afirma sufocando as demais. Não. Às dúvidas, acompanham diferentes acontecimentos, estimulando o pensamento a se desarmar entre sobressaltos e receios. Quando Baudelaire aproveitava o ócio e percorria as ruas ou passagens de Paris, observando ângulos, enquanto o Barão de Haussmann e seus operários alteravam a fisionomia da cidade, transformando tudo num canteiro de obras, invadia-lhe a mente a consciência de uma nostalgia que avançava para um mundo em metamorfose. Ainda vivia num tempo em que havia lugar para a nostalgia. Não pensava em assaltos, além da violência básica que consistia em derrubar prédios antigos e abrir espaço para grandes avenidas; portanto, para o progresso. Um personagem dos nossos dias, andando em Nova York, alterna posturas, com afirmativas e negativas. A nostalgia lhe acomete, não obstante nada lhe sopra a hipótese de uma Nova York original, de casas e edifícios baixos. Ali a modernização entrou de sola e o que sugere nostalgia já remete aos primeiros prédios feitos quando as máquinas e tratores entravam na argamassa de cimento com total alteração nos costumes da construção. Contudo, saudade é marca da humanidade e continua surgindo quando menos se espera.

No romance de Paul Auster *Noite do oráculo*, o jovem escritor Sidney Orr, fragilizado por uma longa enfermidade, sai para alimentar-se na primeira refeição do dia e cai numa espécie de labirinto. O seu, com muros e falsas passagens de abstração, levam-no a uma papelaria. Não se trata de uma loja grande, como essas em que o comprador toca e pega sem auxílio de balconistas que troquem informações e orientem os seus interesses. Da rua, pela vitrine estreita e pouco convidativa, não se podia imaginar o espaço que continha, nem a quantidade de mercadoria disponível. Mesmo assim, atraído por algo, como se buscasse surpresas, entrou. Logo tropeçou nuns cadernos que lhe despertaram a atenção. Eram bons para se reiniciar nas atividades literárias. O dono estava lá e é quem atende e com quem troca palavras na hora de pagar. Era um chinês, alguém que, por assim dizer, achava-se ansioso por fazer amigos nos Estados Unidos. Emigrara há pouco. Do ponto de vista comercial, possuía um empreendimento sem pretensões de concorrer com os grandes grupos. Escolhia a dedo o local onde se fixar. A Sidney, como bom

americano e nova-iorquino, o bate-papo não obrigava a nada. Encarava a rua como a esfera da objetividade, a região na qual transitava a sua fisionomia exterior impermeável a assédios. É a surpresa, misturada à alegria de ter encontrado um caderno simpático, fabricado em Portugal, como se feito para despertar a energia criativa, depois da longa imobilidade, é o fato de haver sido pego desprevenido que o leva a baixar a guarda e se envolver na conversa. Verdade que, como escritor, não se enquadraria na categoria de indivíduo comum. Mesmo assim, vale a pena examinar o que se passou com ele.

O termo “amigo” já adquirira uma conotação própria, na ordem da gíria, de modo a encaixá-lo na situação. É como se chama a pessoa que freqüenta a sua casa, mas também aquele com quem cruza de vez em quando e que jamais partilhará de sua intimidade. Não havia problema em incluir o comerciante na segunda hipótese. Por isso, quando volta a cruzar com ele, por acaso, em outro ponto da cidade, abre uma exceção e aceita o convite: senta-se com ele, num restaurante, para comer e beber. Não lhe ocorre que com isso fica vulnerável – ou talvez lhe ocorra e, como escritor atrás de experiências e motivos, transgredir a norma. O importante para as discussões que travamos é o resultado, aonde o fato conduzirá o personagem, até então um indivíduo integrado no pequeno território da sua existência, apesar dos problemas de saúde e das dificuldades (inclusive financeiras, com dívidas contraídas durante a internação) inerentes a qualquer circunstância. Não nos interessa examinar as características da narrativa pós-modernista, com histórias dentro de histórias e enredos sem desfecho, igualmente presentes em Auster. Contudo, no capítulo da violência localizada na fronteira entre a interioridade e a exterioridade, ali onde imaginamos focos de perigo, nesse estreito pedaço, ao mesmo tempo nosso e terra de ninguém, temos a ganhar na evocação deste romance.

Uma atitude impensada de Sidney Orr, saindo de seu segundo encontro com o chinês sem se despedir, deteriora a tranqüilidade do terceiro encontro, quando descobre a papelaria em novo endereço e entra para comprar novo estoque dos seus cadernos antes que se esgotem. Há um toque grotesco, quase surrealista, na maneira como a cena se enuncia. O escritor não medira a qualidade dos seus gestos. Era um “amigo”;

não um amigo. Espantou-se assim com a reação do comerciante apenas porque, no último encontro, deixara-o sem se despedir. Este o trata com frieza, como se jamais o houvesse visto. Quando se explica, responde com violência verbal, chama-o de hipócrita e ingrato e se recusa a lhe aceitar as justificativas. No ato seguinte, virá a agressão física. Um cidadão comum daria de ombros e deixaria a loja com os seus cadernos, depois de pagá-los. Sidney Orr tenta esta alternativa, mas o chinês não aceita. Não é o comerciante do capitalismo moderno para o qual qualquer dinheiro supera princípios. Recusa-se a tratá-lo como comprador e pede que se retire. As posições se enrijecem e culminam com agressão. É, como se nota, um bom exemplo de um episódio transcorrido no espaço exterior, com todos os seus perigos e ameaças.

Às vezes, e cada vez com mais frequência, em nosso universo, a rua entra dentro de casa. A sedução da destruição é uma via de mão dupla, age de dois modos. Ninguém se coloca acima dela, mesmo quando se cerca com todos os recursos da indústria da segurança. Grades e alarmes não bastam. A sensação de vulnerabilidade foi, aliás, o estímulo para a sofisticação de um tipo de negócio que outrora não se mostrara tão dispendioso. Portas e janelas davam para proteger, algo que já não mais ocorre. Dostoiévski, fazendo Raskolnicov escolher a vítima de seu crime gratuito, montou, em seu tempo, uma cena de invasão. Misturado a características humanas e a circunstâncias sociais, o acaso pôs em curso, no romance, a impossibilidade que temos de nos situar acima das injunções. Se estudarmos o ímpeto no sentido da destruição, entenderemos como a intimidade pode ser violada pela exterioridade a partir de um olhar. A idéia de que tudo obedece a um encadeamento lógico nas nossas ações, daí o projeto de Raskolnicov que se imagina alheio às suspeitas, só funciona até certo ponto. Afinal, para morrer, basta estar vivo. A vítima atrai o algoz sem querer, desde que fique ao alcance da mão. É, de certo modo, o que aconteceu, em outras proporções, na atual Guerra do Iraque, uma agressão de uma cultura sobre a outra, baseada numa mentira. O equívoco, como muitas vezes na História, se transformou na principal tragédia dos nossos dias. O aparato policial, uma das invenções da modernidade, sempre insuficiente como proteção, e sempre e cada vez mais caro para ser sustentado, esconde mal o seu lado oculto de

erguer uma barreira, sobretudo, em favor do estado e do sistema constituído. Na repressão às manifestações políticas, mostra sua competência; quanto ao cidadão, não perde a máscara de ambigüidade. Eis o motivo pelo qual, em particular nos países periféricos, não se experimenta ao lado dela a tranqüilidade que, em princípio, sua existência devia garantir. Benjamin, quando fala de Baudelaire, assinala que o mesmo traduz em poesia a figura da perversão sexual⁶, cujo impulso confirma nas ruas o seu modo de atuação. Esta é uma novidade da vida moderna. Dotada de cidades enormes, comporta movimentos humanos que caminham em fluxos incontrolláveis em todas as direções. Para que algo aconteça, não convém ficar em casa. Salientemos, por outro lado, que as nossas ruas possuem habitantes sem teto e gente que se habituou a eles como se os mesmos fizessem parte de um estilo de vida. Isto apesar da extrema vulnerabilidade que a ausência de moradia ocasiona. Nas noites, em particular, liberam-se os elementos de sadismo. Agressões e assassinatos se valem do momento e se imaginam protegidos, quanto a possibilidades de punição, pelo uso, por empréstimo, do anonimato típico das grandes aglomerações. Ora, se uma determinada circunstância desencadeia a perversão, é porque algum tipo de perversão ou de conteúdo a ela inclinado se encontra nos elementos de sua química. Desde que a iluminação pública criou um terceiro turno para as atividades humanas (o do sono, o do trabalho e o do lazer), com prazeres e distrações que não se desfrutam durante do dia, é como se os demônios se liberassem e não precisassem de esforço para descobrir adeptos. Às noites, abrem-se as entranhas do sistema. Embora nem tudo seja permitido, há nelas um limite que se empurra para adiante até quase, para alguns, a virada para o abismo. Na sociedade burguesa, como se houvesse consciência do processo, estabeleceu-se uma diferença entre o dia e a noite, paralela a outra entre a casa (espaço da família e da decência) e as ruas (a existência dupla, a prostituição, a liberação). Louis Ferdinand Céline não intitulou gratuitamente seu livro de *Viagem ao fundo da noite*. Sabia o que queria. E não estava aí exercitando apenas a velha alegoria do contraste vida/morte, esta última como as trevas do silêncio absoluto. As noites das grandes metrópoles, como Paris, Londres, Nova York, Buenos Aires, Rio de Janeiro, bem ou mal iluminadas, dependendo da área, reverbe-

ram de ruídos e de possibilidades. Chegam a ser incômodas, para quem procura o sono, e complacentes, para os que participam de tais festas, totalmente soltos diante dos olhos das autoridades, mesmo onde a lei impõe a categoria do silêncio como um direito de cidadania. É deste modo que a violência e a paz se equivalem: postas na vida social como impulsos cujo equilíbrio precário parece sempre pronto a se romper.

O interessante no romance de Auster *A noite do oráculo* é a maneira como os episódios, aparentemente sem ligação uns com os outros, funcionam como reações em cadeia, ajudando a exhibir, em vez de camuflar, o que se achava latente. A crise pessoal e conjugal se assemelha, se a examinarmos bem, ao soco na cara que Sidney Orr leva do chinês. Depois de (conduzido pelo comerciante) ceder à tentação de fazer sexo com uma prostituta (atraído pela beleza indescritível da mesma), com uma sensação de culpa e de reconhecimento da sua própria hipocrisia, pois amava a mulher e se sentia satisfeito no casamento, abre-se para ela a temporada de revelações. Daí por diante, caminha entre os pingos da chuva. A rua lhe entra na casa, não o imprevisível, o desconhecido que o sujeita à barbaridade, como se insinua de início a invasão e o saque de seu apartamento. A beleza da narrativa está justamente na capacidade de trabalhar com a gratuidade numa primeira camada só para insinuar em seguida que não existe gratuidade. O exercício da imaginação que chega a um beco sem saída, quando senta e escreve, depois de muito tempo, uma possível história, empacando numa boa idéia, não tem como ir adiante. Mesmo assim soa como uma metáfora, logo adiante, quando o personagem começa a perceber que nada em sua existência funciona como uma lógica predicativa. Os impasses, na verdade, estão em toda parte. São seus e da sua mulher; são seus e da comunidade à qual pertence. Lembremos que Sidney Orr, na condição de convalescente, em função de sua longa enfermidade, via-se como um indivíduo em compasso de espera, como alguém num intervalo entre uma coisa e outra, como se nos fosse possível usufruir parênteses em nossa biografia.

A palavra destruição aparece aqui perfeitamente a propósito. Sidney Orr é um americano que mora em Nova York. A Guerra no Iraque não o atinge, uma vez que dela, de tão distante, não ouve nem os ecos. Desfruta de uma paz de um país organizado e dominante no cenário in-

ternacional. Deve dinheiro, mas nada que lhe ameace o alicerce de sua forma de ver as coisas. Não caíra na miséria por causa das dívidas. Uma história que consiga elaborar pode se transformar num livro e adiar qualquer desenlace desagradável para um futuro incerto. O afeto que desfruta da mulher corresponde ao que sente por ela. Por que então, quando tudo sugeria relativa tranqüilidade na abertura da narrativa, até mesmo o que escreve nos cadernos, com os lances dramáticos que elabora (o homem que escapa de um acidente e altera, numa inspiração súbita e numa reviravolta, a linha do destino, para terminar preso e sem saída num lugar do qual ninguém jamais poderá tirá-lo), usa a intensidade do drama como marca da sua dinâmica? É porque não há como escapar dela, porque o drama integra as circunstâncias do momento histórico, ainda que, ao contrário da época de Sartre, não haja uma Guerra mundial para facilitar o trabalho da inteligência, como nas décadas de 30 e de 40. É o suficiente, no entanto, para que não nos esqueçamos daquilo que, com a sua energia criativa, o mesmo Sartre, na evolução de seu existencialismo, chamou a atenção: um laço invisível une, queiramos ou não, o particular e o conjunto.

Notas

¹ COHEN-SOLAL, Annie. *Sartre, 1905-1980*. Trad. Milton Persson. Porto Alegre: LP&M, 1986, pág. 70.

² UNAMUNO, Miguel. *Del sentimiento trágico de la vida*. Madri: Espasa-Calpe S.A., 1982. pág. 39. Versão nossa.

³ Idem, pág. 13.

⁴ BENJAMIN, Walter. *Paris, capitale du XIX^e siècle, le livre des passages*. Trad. Jean Lacoste. Paris: Cerf, 1989, pág. 414. (Versão nossa).

⁵ _____. Idem, pág. 414.

⁶ _____. *Paris, capitale du XIX^e siècle*. Trad. Jean Lacoste. Paris: Cerf, 1989, pág. 282.